

Pesca & Mar ²⁵ anos

INFORMATIVO DO SINDICATO DOS ARMADORES DE PESCA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - ANO XXV - MARÇO / ABRIL - Nº 156

O FIM DA PESCA



O MILAGRE DOS PEIXES



zoharyross.com

Parece que para os políticos o peixe chega à mesa deles sem nenhum tipo de trabalho. Chega lá por um milagre. O milagre dos peixes. Assados, cozidos, refogados, os peixes aparecem na mesa deles vindos do nada, saídos do além, e são consumidos enquanto eles discutem uma nova lei para agradar suas bases, manter a fidelidade de seus eleitores.

Mas milagre mesmo é a gente ainda pescar num país que não reconhece a existência, os direitos e a dignidade dos trabalhadores do mar.

Nós queremos o nosso Ministério, e não exigimos muito: só mais um pouco de respeito.

Mais uma vez, como sempre, a pesca está sofrendo uma ameaça. Como se não bastassem listas de peixes comerciais ameaçados de extinção, instruções normativas e decretos-leis, deputados e senadores declaram nos jornais, rádios e TV's que o Ministério da Pesca deve ser extinto. O governo precisa enxugar a sua máquina administrativa, cortar pelo menos umas 20 pastas, e o candidato número 1 para a lata do lixo deve ser o MPA porque ele é "cabide de emprego" ou porque não é transparente. Pode até ser. E, mesmo sendo, não dá para consertar? Aqui entre nós, nesses tempos de Operação Lava-Jato e da triste situação da Petrobras, o nosso MPA é peixinho.

A proposta de solução política é antiga e preguiçosa: pendurar o MPA no cabide do Ministério da Agricultura como um paletó velho e usado, como uma calça jeans rasgada e desbotada, e esquecer todos os pequenos avanços duramente conquistados pelos trabalhadores do mar. Voltar à estaca zero como se nada tivesse acontecido. Não vai funcionar. Não funcionou antes. Propor esse tipo de volta é atropelar o pescador brasileiro dirigindo na contramão.

Um senador bastante conhecido disse que há muito tempo, e continua repetindo que, para administrar a pesca, "o caminho mais firme seria fazer políticas efetivas para garantir a sobrevivência dos pescadores do País que certamente estão mais preocupados com isso do que com o Ministério da Pesca". Esse senador nunca botou os seus sapatos importados na beira do nosso cais, numa colônia de pesca ou dentro de um barco navegando em alto mar. Fala, cheio de arrogância, do que não conhece e não vive. Isso vale também para todos os seus parceiros políticos.

Se esses políticos nunca subiram a bordo de um barco, eles poderiam pelo menos ler alguma coisa antes de deitar falação. Ler, por exemplo, que a pesca industrial utiliza embarcações de médio e grande porte, exige infraestrutura portuária apropriada para o desembarque dos peixes e a relação de trabalho dos pescadores acontece por meio de vínculo empregatício com o responsável pela embarcação. Essa atividade tem como objetivo a captura de grande número de pescado e, para isso, é necessário uso de tecnologia sofisticada, diferente da pesca artesanal que é baseada em simplicidade, na subsistência, o que não a faz menor, nem menos importante.

Ler que o segmento da pesca industrial é exclusivamente voltado para fins comerciais e tem grande relevância social e econômica para o Brasil. Trata-se de uma atividade de base, fornecedora de matéria-prima para as grandes indústrias de centros de distribuição de alimentos.

Mais ainda: a pesca industrial no Brasil é composta por cerca de 1.600 embarcações (de acordo com o Sistema



Milagre mesmo é a gente ainda pescar num país que não reconhece a existência, os direitos e a dignidade dos trabalhadores do mar.

Informatizado do Registro Geral da Atividade Pesqueira – SisRGP) e envolve cerca de nove mil trabalhadores dentro destas embarcações. Sem contar os empregos indiretos. Parece pouco, mas milhões de brasileiros consomem a produção dessas embarcações e desses trabalhadores do mar brasileiro.

Parece que para os políticos, o peixe chega à mesa deles sem nenhum tipo de trabalho. Chega lá por um milagre. O milagre dos peixes. Assados, cozidos, refogados, os peixes aparecem na mesa deles vindos do nada, saídos do além, e são consumidos enquanto eles discutem uma nova lei para agradar suas bases, manter a fidelidade de seus eleitores.

Aproveito a oportunidade para dizer aos senhores políticos que não existe nenhum milagre dos peixes, pelo menos nos dias de hoje. Os frutos do mar são resultado da dedicação, da coragem e da luta de pessoas anônimas, dignas e dedicadas. Com Ministério ou sem Ministério.

Milagre mesmo é a gente ainda pescar num país que não reconhece a existência, os direitos e a dignidade dos trabalhadores do mar.

Em resumo: nós queremos o nosso Ministério, e não exigimos muito, só mais um pouco de respeito.

Alexandre Guerra Espogeiro
Presidente do SAPERJ

HOMENAGEM AO CARNE SECA

Uma vez o Carne Seca foi parado na estrada pela Polícia Rodoviária e os guardas não acreditaram: um mestre de barco não podia ter grana para estar dentro um carrão daqueles. Ele ficou pau da vida. A cabine dele no Viviane F. era uma beleza. A Ministra do Meio Ambiente podia ficar nela durante a viagem e ia se sentir tão confortável como se estivesse no gabinete dela.



Alexandre Espoheiro e o mestre Carne Seca.

O Mestre está sentado na beira do cais, descansando, olhando seu barco ser descarregado. Ao seu lado, o Gelador fala no celular, conversa com a família. O Mestre pensa que o Gelador não é muito valorizado na pesca, mas pensa mais fundo e chega à conclusão de que ninguém é valorizado na pesca: do pescador ao armador.

O Gelador é um parceiro importante, vai pensando o Mestre, como se estivesse dando uma entrevista para uma jovem pesquisadora da universidade, fazendo tese sobre a pesca. O trabalho dele começa no preparo da viagem, quando é necessário abastecer o barco com 36 toneladas de gelo, que ficam armazenadas no porão. Cerca de 35 toneladas de peixes serão trazidos por viagem. A operação leva cerca de duas horas. É importante que o peixe seja limpo com cuidado, para retirar bem todas as vísceras e sangue, e ao mesmo tempo não perfurar a carne, para manter sua qualidade. Alguns peixes, mais sensíveis ao gelo, como atuns e meca, são embalados em sacos plásticos. Os peixes são colocados no porão com gelo e devem ser sempre arrumados de maneira a manter espaços nas extremidades, para permitir a circulação do ar frio. A profissão de gelador requer muitos conhecimentos, pois a qualidade do peixe que chega a terra para ser comercializado vai depender deste profissional.

- Eu comando o barco. O Gelador comanda o peixe – diz o Mestre em voz alta.

- Não entendi – diz o Gelador, desligando o celular.

- Eu estava pensando no Carne Seca – disfarça o Mestre.

- Grande Carne Seca – diz o Gelador. – Trabalhei com ele no Viviane F. Ele tinha duas famílias.

- Como assim?

- A primeira era a mulher e a filha. A segunda era a tripulação do Viviane F. Ele era duro, exigente, um disciplinador. Cuidava do barco como se o barco fosse uma dama. A cabine dele era uma beleza. A Ministra do Meio Ambiente podia ficar nela durante a viagem e ia se sentir tão confortável como se estivesse no gabinete dela.

- E na minha cabine?

- Também. O Carne Seca cobrava trabalho de todo mundo. Queria que cada tripulante tivesse um carro. Uma vez ele foi parado na estrada pela Polícia Rodoviária e os guardas não acreditaram: um mestre de barco não podia ter grana para estar dentro de um carrão daqueles. Ele ficou pau da vida. Tinha um orgulho danado de ser mestre.

- Nunca joguei dinheiro em carro. Prefiro investir na faculdade das minhas filhas.

- Todo mundo na pesca faz isso. Ninguém quer um filho dentro de barco. Acho que é por isso que a pesca vive esse problema de mão de obra. As novas gerações ficam em terra, fazendo faculdade disso e daquilo, só indo até a praia pegar uma cor.

- Mas seu filho está na pesca.
- Ele nasceu com escamas. Tentei convencer o garoto a fazer biologia marinha, engenharia de pesca. Mas ele trancou a faculdade e botou na cabeça que ia ser mestre. E conseguiu. Tem mar no sangue dele. Pelo menos é melhor que gelador.
- O gelador é tão importante quanto o mestre.
- Pode até ser. E teve o caso dos pinguins.
- Que pinguins?
- Numa viagem, o Carne Seca resgatou uns quatro ou cinco pinguins. Trouxe aqui para a sede do sindicato. Ele batizou os pinguins: Cristiano Ronaldo, Eusébio, Matateu, Coluna, não me lembro bem. Ele chamava e os pinguins iam atrás dele como um bando de pivetes de smoking.
- Eu ouvi falar disso.
- Era eu que selecionava as sardinhas para o Carne Seca alimentar a galera. Acho que ele levou os pinguins para a casa dele, mas o pessoal do meio ambiente disse que não podia.
- Esse pessoal do meio ambiente é todo negativo: não pode isso, não pode aquilo, não pode nada.
- O Carne Seca levou os pinguins para o jardim zoológico, ali na Alameda São Boaventura. Contra a vontade, mas levou,

ameaçaram ele de multa e não sei o que mais. Nas voltas da viagem, o Carne Seca ia fazer visita e os pinguins faziam uma tremenda festa.

- Ele era gente fina. Competitivo, mas gente fina. Todo mundo sabia disso. Até os pinguins.

- Até que um dia o Carne Seca foi lá e os pinguins tinham sumido. Disseram que tinham devolvido os pinguins ao mar. O Carne Seca fez um escândalo: por que não pediram a ele para devolver os pinguins ao mar? Os pinguins faziam parte da família dele e, se quisessem, ele levaria a galera até a Antártida. Acho até que chorou, o Carne Seca.

- Ele era um sentimental.

O celular toca e o Gelador atende. O Mestre se levanta, caminha pelo cais e entra no seu barco.

- O Carne Seca morreu em terra, e isso já é um consolo para a sua família, se é que existe consolo numa hora dessas. Morrer no mar dá trabalho: se não acharem o corpo, a família não recebe nada, o sujeito é um morto vivo – pensa o Mestre. – Eu quero ser cremado e que as minhas cinzas sejam jogadas nesse mar que me deu tudo o que tenho. O mar é generoso. A gente não merece o mar.



SOLUÇÕES PARA RASTREAMENTO E COMUNICAÇÃO EM ALTO MAR





OnixPHONE2

Telefone satelital de confiança para áreas remotas

- Design resistente
- Mais segurança com botão de pânico
- Mecanismo de rastreamento
- Ligações de voz de alta qualidade
- Mensagens de texto e emails a qualquer hora
- Possibilidade de 8 h/conversação e 160 h/Standby

Onde você estiver, quando você precisar



OnixPREPS

Rastreamento, Tecnologia e Segurança. Desenvolvido especialmente para barcos de pesca

O rastreador OnixPreps se adequa às normas do PREPS (Programa Nacional de Rastreamento de Embarcações Pesqueiras por Satélite), sendo uma ótima opção de rastreamento via satélite para armadores e pescadores.



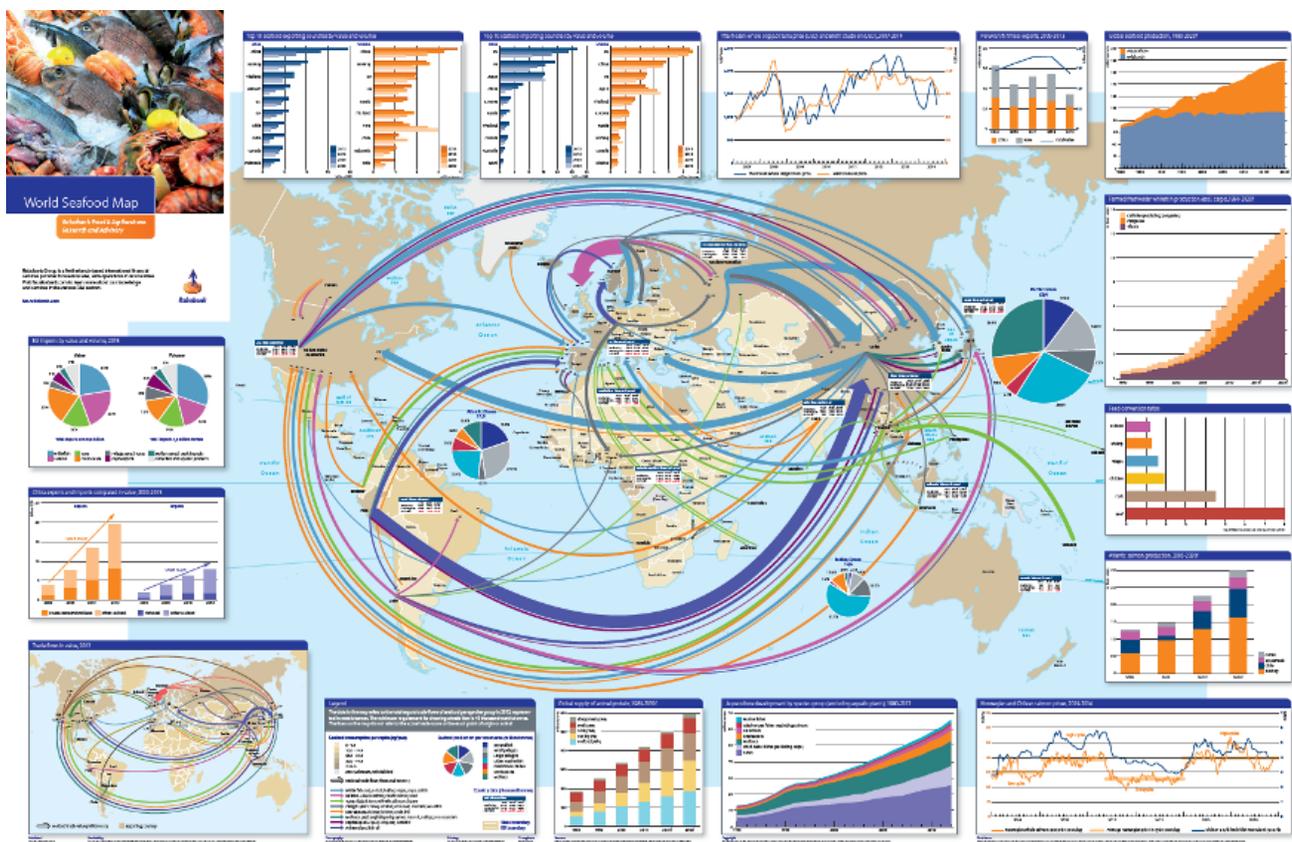
Para saber mais informações entre em contato com a OnixTec

vendas@onixtecnologia.com

www.onixtecnologia.com

+55 (43) 3374-3874

BOI, FRANGO, SUÍNO? QUE NADA! PESCADO MANDA NO COMÉRCIO MUNDIAL

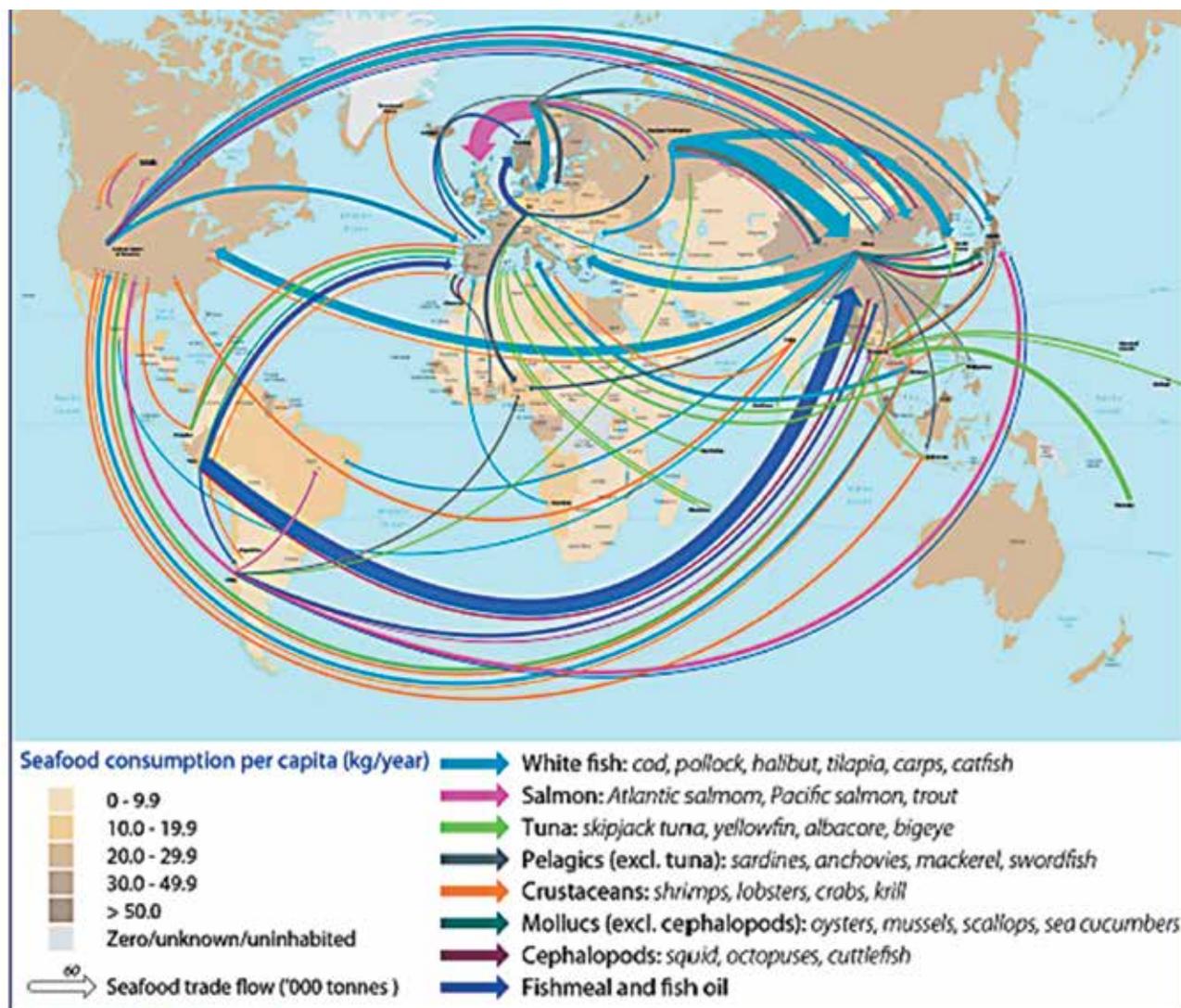


seafoodbrasil.com.br

O comércio de seafood é o maior negócio global entre todas as proteínas animais no mundo, superando as grandes commodities animais: carnes bovina, suína e de aves. De acordo com o Rabobank, só em 2014 foram movimentados mais de US\$ 140 bilhões em compras e

vendas de pescado. E o mais impressionante: essa quantidade dobrou nos últimos cinco anos.

“A indústria é muito diversa e oferece uma ampla gama de produtos. Tanto a indústria quanto o fluxo de comércio devem permanecer em constante fluxo”, diz



Source: Rabobank, 2015

relatório do banco a que a Seafood Brasil teve acesso. A instituição avalia ainda que a indústria aquícola em ascensão, especialmente de peixes brancos, está se tornando cada vez mais importante para o fluxo comercial de pescado, particularmente da Ásia para o Ocidente.

Na opinião do Rabobank, a aquicultura, uma enorme indústria de reprocessamento e um aumento da afluência de consumidores domésticos são as razões principais pelas quais a China é, de longe, o maior player mundial no mercado seafood. E isso só deve crescer. “Esperamos que a China aumente cada vez mais a importação de produtos de alto valor agregado no futuro, enquanto sua indústria vai se concentrar mais na demanda doméstica, gradualmente estabilizando sua balança comercial altamente positiva”, diz o relatório.

Consumo x exportação - Os maiores mercados

consumidores para seafood são a União Europeia, Estados Unidos e Japão. Entretanto, a China, como o maior exportador e quarta região que mais importa pescado no mundo, tem papel fundamental na análise do consumo, diz o Rabobank. Como se nota no mapa, o volume de comércio do Peru para a China sublinha a quantidade de pequenos peixes pelágicos capturados para o uso em ração para a aquicultura chinesa.

De qualquer forma, os Estados Unidos seguem na liderança da importação, com US\$ 26 bilhões em 2013, enquanto a União Europeia respondeu por US\$ 19 bilhões nos dados de 2013 analisados pelo Rabobank. O Brasil aparece no ranking, ocupando a 10ª posição.

A Noruega e, novamente, a China, lideram as vendas. O país asiático comercializou o equivalente a US\$ 20 bilhões em 2013, o dobro dos nórdicos, que ocupam a segunda posição na lista dos maiores exportadores mundiais.

O FIM DA PESCA

Já estamos acostumados. Tem sempre alguém anunciando o fim do Ministério da Pesca, e até o fim da pesca. Mais do que isso: o fim do homem, o fim da internet, o fim do mundo. Diante disso, só nos resta segurar a onda, continuar navegando e vendendo nosso peixe.

Até o fim dos que não acreditam na pesca.

O Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) afirmou ao Seafood Brasil, por meio de sua assessoria de imprensa, que até o dia 27 de março não havia sido informado sobre nenhum um suposto estudo que a presidente Dilma Rousseff teria pedido à Casa Civil para redução de ministérios, incluindo o MPA.

Uma notícia publicada pelo jornal Estado de S. Paulo em 26 de março dava conta de que a presidente teria encomendado esse estudo por estar “pressionada por queda da popularidade” e “para mostrar austeridade” diante de “cobrança de aliados”. Entre os ministérios que poderiam ser atingidos estariam o MPA, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), além de secretarias com status de ministério, como Assuntos Estratégicos, Direitos Humanos, Mulheres e Políticas de Promoção de Igualdade Racial.

De acordo com a assessoria do MPA, o órgão não ouviu dentro do governo este assunto. “Além do que o ministério tinha previsto um orçamento de R\$ 254 milhões e foi aprovado no Congresso Nacional um orçamento de R\$ 773 milhões com as emendas parlamentares”, disse a assessoria. O orçamento ainda seria remetido à aprovação de Dilma. “A única pessoa que se posicionou até o momento oficialmente a favor da extinção do ministério foi o Senador Aécio Neves, que faz parte da oposição”, disse a assessoria.

E essa posição do Senador Aécio Neves vem de longe. Em junho de 2011, ele declarou ao mesmo jornal paulista, ao chegar para o jantar de 80 anos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que, para administrar melhor a pesca, “o caminho mais firme seria fazer políticas efetivas para garantir a sobrevivência dos pescadores do País que certamente estão mais

preocupados com isso do que com o Ministério da Pesca”. O senador certamente não ouviu nenhum pescador, daí estar tão redondamente enganado.

A matéria do Estado de S. Paulo dizia que a presidente já havia buscado essa redução anteriormente, mas que diante da reação de movimentos populares teria desistido da ideia. Na ocasião, diz o texto, “cogitou-se incorporar a Secretaria de Assuntos Estratégicos ao Ministério do Planejamento, enquanto a Pesca retornaria ao Ministério da Agricultura”. Agora, segundo o jornal, o assunto teria sido retomado pela presidente como forma de dar uma sinalização mais forte de ajuste de gastos do governo.

Por sua vez, o ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Pepe Vargas, reafirmou que a presidente não tem intenção de fazer uma reforma ministerial. Sobre a redução nas pastas, Vargas disse que “este tema não tem sido debatido nas reuniões de governo”. É preciso registrar que a imprensa tem divulgado que a situação do próprio ministro Pepe Vargas não é nada segura, mas uma coisa não ter nada a ver com a outra.

Complicando as coisas – De acordo com o jornal O Liberal, durante sessão para apresentação das diretrizes e programas prioritários do Ministério de Pesca e Aquicultura, realizada na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, do Senado Federal, o ministro Helder Barbalho foi “colocado na parede” pelos senadores presentes, que defenderam o enxugamento da estrutura do governo, com a transferência das atribuições do ministério para a pasta da Agricultura. A extinção do Ministério de Pesca é amparada pelo próprio PMDB, partido de Barbalho,



www.aeschylus-philanthropy.eu

que pressiona a presidente Dilma Rousseff pela redução dos atuais 39 ministérios para 20.

Ainda segundo o mesmo jornal, o desconforto do titular da pasta aumentou ainda mais quando os parlamentares mostraram que o seu ministério é o mais ineficiente da União, em razão dos sucessivos problemas de execução do orçamento disponível. O senador Ronaldo Caiado (DEM-GO) foi ainda mais taxativo, quando disse que ele estava defendendo as metas do ministério para 2015 em vão, já que a sua demissão já era dada como certa.

“O Ministério da Pesca passou a ser a referência sempre quando se fala em extinguir ministérios. Como a proposta é do partido de vossa excelência, para reduzir para 20 ministérios, já é elencado a extinção do Ministério da Pesca. Com isso, não sei como é que seria esse ordenamento orçamentário e como ficariam os programas já definidos por vossa excelência em relação ao atendimento tanto da política de proteção quanto de incentivo”, indagou o senador. De acordo com Caiado, a proposta terá o apoio de grande parte da sociedade, pois este seria “um clamor nacional para que o Estado diminua seu número de ministérios como também de gasto público”.

A extinção da pasta de Pesca foi assinalada por outros

senadores, como Blairo Maggi (PR-MT), que integra a base de apoio do governo federal. “Se for para enxugar, e eu também defendo essa tese, essa pasta, que é importante, tem que voltar para a Agricultura”, disse.

Já o senador Donizeti Nogueira (PT-TO) lamentou o possível retorno das atribuições do setor pesqueiro a Agricultura, diante da pressão do PMDB pela redução de pastas do governo federal. “Esse setor não poderia ficar restrito a uma caixinha lá no Ministério da Agricultura, sem nenhuma repercussão e autonomia para se organizar e realizar a sua produção. Mas é o que parece que vai acontecer”.

O jornal disse que, sem ter respostas, Helder Barbalho, que esperava apresentar as projeções do setor, recebeu ainda uma saraivada de questionamentos dos senadores. Os parlamentares criticaram a incapacidade técnica do ministério em desenvolver ações e programas, utilizando o recurso disponível para a pasta ministerial. Na apresentação do próprio ministro, a pouca relevância da pasta foi colocada em xeque. Ao expor a evolução orçamentária do Ministério de Pesca e Aquicultura no período de 2003 a 2015, foi possível notar que em todos os anos, os recursos foram subutilizados.



raycollinsphoto.com

Disse o senador: “O caminho mais firme seria fazer políticas efetivas para garantir a sobrevivência dos pescadores do País que certamente estão mais preocupados com isso do que com o Ministério da Pesca”. O senador certamente não ouviu nenhum pescador, daí estar tão redondamente enganado.

Em 2010, por exemplo, quando a pasta tinha disponível R\$ 773,89 milhões, o setor foi beneficiado com apenas R\$ 267,64 milhões. No ano passado, a previsão orçamentária foi de R\$ 428,99 milhões, mas apenas 35% foram investidos em ações de melhoria e beneficiamento para o setor da pesca.

De acordo com o senador Acir Gurgacz (PDT-RO), nos últimos anos, o Ministério da Pesca utilizou apenas 40% do seu orçamento. “Porque não conseguiu aplicar e o que pode ser feito para atingir a previsão de R\$ 610 milhões para 2015. No ano passado, dos R\$ 428 milhões, no entanto, só foram aplicados R\$ 156 milhões. O que acontece para que não executemos esse orçamento?”, questionou o parlamentar. Em resposta ao senador do Estado de Rondônia, Helder colocou a falta de capacidade técnica como motivo para a subutilização dos recursos públicos.

Invisível e supérflua – Todo esse palavreiro só vem provar uma verdade conhecida por todos aqueles que trabalham na pesca: o peixe chega na mesa de determinados políticos por milagre. Ele não é pescado por ninguém: os pescadores não existem. Mais ainda: não existe o mar brasileiro. Para esses poderosos senhores, a pesca e o mar são invisíveis. E aquilo que não se vê é uma coisa supérflua. Ninguém precisa se preocupar com ela.

Mas a pesca não precisa ficar com nenhum complexo de inferioridade. No Brasil dos senhores poderosos, a saúde e a educação, por exemplo, também são invisíveis. O problema não é deles, é nosso. Fomos nós quem os elegemos para que eles possam representar a si mesmos e, lá do alto, não conseguir ver o que acontece com a gente. Por isso é que os trabalhadores do mar continuam invisíveis.

Só que o que é ruim pode ser piorado. Até mesmo aqueles que são responsáveis pelos nossos mares e conhecem pescadores e armadores não estão do nosso lado. Estão contra nós. Em nome da natureza, da preservação ambiental, da proteção da fauna marinha, esses especialistas também aplaudiriam o fim do Ministério da Pesca e a extinção da pesca. E não adianta dizer a eles que suas pesquisas não são confiáveis. Não adianta mostrar a eles que os recursos marinhos, no caso, os frutos do mar, são renováveis. Um recurso renovável é um recurso natural que pode ser recolocado na natureza ou se regenerar através de processos naturais a uma taxa equivalente ou maior que o consumo humano. Os recursos naturais são elementos da natureza que serão transformados em bens para atender as necessidades das pessoas. Peixe não é petróleo, que tem data para acabar. Peixe não é minério, que pode se esgotar e deixar um buraco do tamanho da Serra Pelada. Peixe se reproduz.

Há uns 20 anos atrás, os sábios especialistas anunciaram a extinção da sardinha. Ainda bem que a sardinha não escutou, e, se escutou, não acreditou: ela continua viva, firme e forte, se renovando naturalmente.

O que não falta é gente bem intencionada fazendo lista de peixes em extinção. E de gente mais bem intencionada ainda, querendo fazer a lista definitiva: a lista da extinção da pesca. É por essas e outras que o inferno está cheio de boas intenções.

Mas existe uma tremenda má notícia para todos aqueles que não acreditam na pesca e querem ver o nosso fim: nós

Para esses poderosos senhores, a pesca e o mar são invisíveis. E aquilo que não se vê é uma coisa supérflua. Ninguém precisa se preocupar com ela. Mas a pesca não precisa ficar com nenhum complexo de inferioridade. No Brasil dos senhores poderosos, a saúde e a educação, por exemplo, também são invisíveis.

somos sobreviventes e nossa fé no futuro é do tamanho do mar. Sempre foi e assim será.

E mais: no meio de tantas visões, divisões e previsões, a nossa vontade de trabalhar no mar, além de imensa, é altamente sustentável.



Simon Tuckett © 2009

MPA RESPONDE À REVISTA ISTO É

Os 39 ministérios de Dilma custam mais de R\$ 400 bilhões por ano e empregam 113 mil apadrinhados. Só os salários consomem R\$ 214 bilhões - quase quatro vezes o ajuste fiscal que a presidente quer fazer às custas da sociedade, diz a reportagem "A insustentável Máquina do Governo", publicada pela revista Istoé. O MPA publicou uma nota de esclarecimento. Leia.



vivomaissaudavel.com.br

Segundo a FAO, os negócios da pesca e aquicultura são sete vezes maiores que os de carne bovina e nove vezes maiores que os de carne de frango.

Para o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), o Brasil deve buscar sempre a eficiência do que investe na sua máquina pública. Desde a sua posse, o Ministro Helder Barbalho tem agido em duas frentes: melhorias na gestão e corte de gastos.

Por isso, o MPA esclarece à revista Isto É em sua matéria “A insustentável Máquina do Governo”:

1) O seguro defeso é um benefício transferido aos pescadores durante a época em que a pesca é proibida, devido ao período de reprodução das espécies. Ou seja, é uma medida de proteção ambiental. O pagamento é realizado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (a partir de 01 de abril será pago pelo Ministério da Previdência Social). A participação do MPA restringe-se apenas o Registro Geral dos Pescadores.

2) O custo dos carros de caráter permanente à disposição MPA é de R\$ 1.523.514, 96 ao ano. Além disso, o Ministério, dentro do que prevê os seus contratos de prestação de serviços, já está em processo de redução unilateral dos custos do contrato em até 50%.

3) O MPA dispõe de um reduzido número de funcionários concursados em seus quadros. Por isso, tem em sua maioria, cargos de confiança. Sem eles, hoje o Ministério teria sérias dificuldades para funcionar. Por isso, em 2 de março enviamos ao Ministério do Planejamento o pedido de realização de um concurso público para 286 novos funcionários. Assim que o Ministério do Planejamento liberar, o concurso será realizado.

4) O Ministério também está em processo de diminuição de gastos com a sua sede em Brasília em 40%. Hoje, se gasta R\$ 1 milhão/mês com o aluguel do prédio e os custos da sede (contas como água, luz, telefone, manutenção de elevadores, etc.). Entramos em contato com o proprietário do prédio para redução do valor do contrato. Caso a redução não ocorra, o Ministério procurará outro imóvel compatível com as suas necessidades.

5) Em linhas gerais, as funções deste Ministério podem ser resumidas a fomentar o aumento da produção e o acesso dos brasileiros ao pescado produzido no País, cumprindo todos os requisitos de sanidade.

6) Segundo a FAO, a produção mundial da cadeia do pescado chega a 160 milhões de toneladas/ano,

movimentando US\$ 600 bilhões. Só as exportações chegam a US\$ 136 bilhões de dólares todos os anos. Deste montante, o Brasil contribui com apenas US\$ 35 milhões. O Brasil tem tudo para mudar este quadro e ser um dos protagonistas mundiais. Porque possui a maior reserva de água doce do mundo, cerca de 8500 km de costas com temperatura adequada para a produção e 5,5 milhões de terras alagadas entre outros potenciais. Somente as áreas aquícolas solicitadas podem produzir mais de 6 milhões de toneladas por ano. Se usasse somente este potencial, o Brasil estaria seguramente entre os cinco maiores produtores de pescado do mundo.

7) Um outro exemplo é a negociação do Brasil com organismos internacionais para aumento da nossa cota na pesca oceânica. Juntamente com a atração de parceiros e a certificação da nossa produção, isso vai possibilitar ao País o aumento significativo da pesca de atuns e outros peixes que o Brasil importa hoje, além do crescimento das nossas exportações.

8) Um dado que ilustra o quanto a Pesca e a Aquicultura podem contribuir com o desenvolvimento econômico do País é a produtividade do setor. Enquanto um hectare de terra produz 0,12 toneladas de proteína bovina/ano, a mesma área pode produzir cerca de 100 toneladas de pescado/ ano. Ou seja, uma operação que pode ser muitas vezes superior à realizada pela agropecuária brasileira. Como, aliás, é em todo o mundo. Segundo a FAO, os negócios da pesca e aquicultura são sete vezes maiores que os de carne bovina e nove vezes maiores que os de carne de frango. Números que, sozinhos, justificam a existência do Ministério da Pesca e Aquicultura.

O Ministério da Pesca e Aquicultura agradece a oportunidade de esclarecer fatos da sua atuação e desde já, se coloca à disposição para novos esclarecimentos.

Leia a matéria da Istoé:

http://www.istoec.com.br/reportagens/411245_A+INSUSTENTAVEL+MAQUINA+DO+GOVERNO

A PESCA INDUSTRIAL E SEUS INIMIGOS

A pesca industrial não precisa fundar uma ONG para defender os verdadeiros profissionais da pesca. Sua história pessoal basta para protegê-los de quem quer que deseje calar sua voz. E é a voz deles que preferimos ouvir. O resto é blá blá blá de profissionais do escândalo, falsos gurus verdes e de criadores de tempestades em copo d'água.



photoshopninja.com.br

A pesca industrial sempre teve inimigos. Geralmente eles são defensores de tartarugas, baleias e tubarões. Eles fazem a defesa das tartarugas, das baleias e dos tubarões, acusam a pesca industrial de ameaçar de extinção essas

pobres e inocentes criaturas. São seus porta-vozes e chegam a xingar os pescadores industriais de filhos disso e daquilo. Para fazer isso, esses defensores fundam ONGs, recebem polpudas contribuições e acabam virando profissionais de

defesa animal. Eles têm um público cativo que repercute sua indignação, seu bom-mocismo, sua consciência ecológica. Passa o tempo, e não adianta que os verdadeiros especialistas publiquem comunicados afirmando que as tartarugas já não correm nenhum risco, que as baleias estão aumentando suas populações, que as medidas nacionais e internacionais tomadas para a preservação dos tubarões estão em andamento e funcionando muito bem. Os profissionais da defesa não querem largar o seu osso e continuam gritando e faturando. Não fecham suas ONGs e, pelo contrário, abrem outras em defesa dos moluscos, das abelhas, das borboletas, e por aí eles vão, alegres, contentes, irresponsáveis.

Recentemente, uma dessas vozes vem ocupando as redes sociais para afirmar que a pesca industrial é formada por empresários milionários que tinham ficado furiosos contra a edição da Portaria 445 do Ministério do Meio Ambiente, que definiu a lista de espécies aquáticas ameaçadas de extinção. Essa voz desafinada garante que a 445 é “fruto de um trabalho primoroso das melhores cabeças do país nesta área da ciência e de técnicos do ICMBio, utilizando metodologias aceitas mundialmente” e que “a lista baseou-se em uma enorme quantidade de trabalhos científicos resgatados pelos pesquisadores”, e por aí vai.

Participando da Audiência Pública realizada na Câmara dos Deputados, realizada em 31/03/2015, Fábio Hazin, representando o MPA, afirmou sobre a referida Portaria 445:

- o MPA foi surpreendido com a publicação da Portaria, e pela forma unilateral como aconteceu, não atendeu o previsto na gestão conjunta para ordenamento pesqueiro;

- em que pese ter sido informado pelo ICMBio que o período de análise que antecedeu a publicação da Portaria foi de cinco anos, a sua publicação ocorreu sem a discussão com o setor produtivo;

- o MPA discorda dos critérios da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais) que foram adotados para elaboração da Lista;

- os critérios estabelecidos pela IUCN, que além de ser uma ONG, não são pertinentes quando aplicados aos organismos aquáticos;

- a redução de um determinado recurso pesqueiro não pode ser utilizada como critério para enquadrar como espécie ameaçada, porque o estoque ainda poderá estar dentro do RMS (Rendimento Máximo Sustentável);

- espécies consideradas como vulneráveis - VU - não

poderiam estar na lista, tendo em vista que a própria norma abre a possibilidade de serem pescadas;

- a Portaria 445 provoca insegurança jurídica para o exercício da atividade pesqueira;

- o GT criado no âmbito do MPA, incluiu o setor produtivo e identificou espécies importantes que deveriam ser objetos de análise mais cuidadosa;

- o MPA tem plena convicção que não será possível elaborar normas no prazo estabelecido, prejudicando assim o setor produtivo;

- faz-se necessária a elaboração de plano de gestão por meio de processos participativos através da efetiva ativação dos CPGs (Comitês Consultivos Permanente de Gestão);

- o MPA vai focar na pesquisa científica para subsidiar os CPGs; e

- faltou um processo de construção conjunta, governo e setor, na elaboração da lista das espécies ameaçadas.

Quem é Fábio Hazin? Possui graduação em Engenharia de Pesca pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (1987); Mestrado (1991) e Doutorado (1994) em Marine Science And Technology/ Fisheries Oceanography, na Tokyo University of Marine Science and Technology; Pós-doutorado em Avaliação de Estoques de Recursos Pesqueiros Pelágicos Altamente Migratórios, no Southeast Fisheries Science Center/ National Marine Fisheries Service/ NOAA, Miami - EUA (2002). Preside atualmente, também, a negociação internacional no âmbito da FAO/ONU para adoção de Diretrizes Internacionais para o Desenvolvimento da Pesca Artesanal e de Pequena Escala. Entre 2010 e 2013, presidiu o Grupo de Trabalho sobre Organismos Marinhos Oriundos de Águas Internacionais (Introduction from the Sea), da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Ameaçadas de Extinção (CITES). Em 2014 foi eleito Presidente, junto à ONU/ DOALOS, do Processo Informal de Consultas dos Estados Parte do Acordo de Nova Iorque. Tem experiência em Oceanografia Pesqueira e Engenharia de Pesca, com ênfase em grandes peixes pelágicos (atuns, agulhões e tubarões), atuando principalmente nos seguintes temas: biologia reprodutiva, distribuição, comportamento, e migração; Gestão Pesqueira e Direito Internacional do Mar. E mais, mas muito mais.

A pesca industrial não precisa fundar uma ONG para defender o Dr. Fábio Hazin. Sua história pessoal basta para protegê-lo de quem quer que deseje calar sua voz. E é a voz dele e sua opinião que preferimos ouvir. O resto é blá blá blá de profissionais do escândalo, de falsos gurus verdes e de criadores de tempestades em copo d'água.